

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018



ISBN: 978-85-99540-88-6

O ENSINO DA LÍNGUA TERENA NO ESPAÇO/ TEMPO DE UMA “ESCOLA INDÍGENA” URBANA

Elson Sobrinho Marcos
UEMS

Sônia Filiú Albuquerque Lima
UEMS

Resumo: Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar o contexto do ensino de Língua Terena na escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira, localizada na comunidade indígena urbana Marçal de Souza, em Campo Grande, MS. A metodologia foi a revisão bibliográfica, levantamentos de relatos e a observação participante do pesquisador que atua como professor de Língua Terena nesse espaço escolar desde 2016. Destaca-se o fato de o professor precisar falar em Português, pois a maioria não entende a língua indígena ou muitos dos seus falantes parecem paulatinamente deixando sua Língua em desuso. Constata-se que existe um risco dessa língua se enfraquecer e até ser extinta, caso não haja efetivo empenho para seu fortalecimento. Este estudo contribui, dentro do campo teórico da Sociolinguística, com discussões no sentido de fortalecer e vir a contribuir na melhoria de ensino de línguas indígenas. Nas últimas décadas, o povo Terena tem intensificado o contato com os *purutúye* (não indígena), a maioria das famílias indígenas que vive em Campo Grande acaba não incentivando o uso da língua materna por seus filhos e netos, em meio à relação de poder da cultura dominante não indígena, vindo a absorver muito mais desta, em vez de valorizar seus aspectos históricos e preservar sua língua, como principal elemento de sua identidade.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Língua Terena. Ensino-aprendizagem.

Introdução

Neste trabalho apresenta-se o relato de uma pesquisa de Iniciação Científica – Modalidade Avançada - cadastrada pelo curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Português/ Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa teve como objetivo descrever o contexto do ensino de Língua Terena da Educação Infantil ao quinto ano, na escola Municipal Sullivan Silvestre Oliveira, localizado na comunidade indígena urbana Marçal de Souza, em Campo Grande, MS, na qual atuo como

professor falante, onde parte da comunidade veio das suas aldeias do interior em busca de meios de sobrevivência.

Pesquisar sobre o ensino da Língua Terena foi uma experiência muito desafiadora, por conta da complexidade do contexto em que a língua materna, tão falada nas aldeias, sobrevivente dentro da capital Sul-Mato-Grossense, mas que de várias maneiras acaba sofrendo imposições sociais da língua dominante, a Língua Portuguesa. Ou seja, a língua materna acaba sendo rejeitada pelos próprios falantes. Por esta razão, resolvi relatar a experiência de ensino-aprendizagem *emoú terenoe*, (língua terena) desenvolvida na referida escola.

Como acadêmico indígena, nascido na Aldeia Bananal, no Município de Aquidauana, MS, onde trabalhei na escola indígena por dois anos, na qual a maioria dos alunos fala Língua Terena, ministrei aulas em várias disciplinas e conseguia me comunicar com os alunos falando e ensinando na minha própria língua materna.

Logo depois, vim morar em Campo Grande e comecei a trabalhar a partir de 2016 em uma escola de uma aldeia urbana, com uma experiência diferente, ou seja, ensinar a própria língua para as crianças, a maioria não falante da língua materna, somente uma vez por semana.

O interessante é o fato de precisar falar em Português, pois a maioria não entende a língua, ou está quase desaprendendo. Como acadêmico de ensino de línguas, acredito que é pertinente utilizar o estudo da Linguística para pesquisar, relatar e analisar a situação atual da Língua Terena, a fim de contribuir com ações de ensino para que essa língua indígena tenha a atenção que merece para que possa se fortalecer, e como seus divulgadores e defensores, possamos produzir bons resultados e contribuir na melhoria de seu ensino.

Reconheço a importância de dominar a língua portuguesa, como ferramenta de luta, e que nos ajuda a entender a nossa origem, como uma forma de complemento. Compreendo os pais indígenas que ensinam os seus filhos a dominar a língua dos colonizadores, mas vejo uma extrema importância de fortalecer a cultura indígena. Essas línguas indígenas possuem um aspecto histórico muito rico, pois elas já eram faladas pelos povos indígenas muito antes da imposição da Língua Portuguesa.

Atualmente, assistimos continuamente a extinção paulatina de muitas línguas indígenas (ARYON, 2002). A Língua Terena é uma das línguas indígenas ameaçadas de extinção, e muitas delas vêm tentando sobreviver em meio ao discurso colonial em uma sociedade anti-

indigenista, preconceituosa em relação às línguas indígenas e impositora de sua cultura e língua dominantes.

Metodologicamente, esta pesquisa é um estudo qualitativo de inspiração etnográfica (MAGNANI, 2017), que busca a descrever a realidade de uma escola, espaço em constante movimento e dinâmico. Portanto, a descrição e análise do processo de ensino da nossa língua materna na escola, que leciono, caracteriza-se também como um Estudo de Caso, pois estive inserido no contexto por mais de um ano, desenvolvendo um olhar atento, como pesquisador na busca de aprofundamento, observando, registrando e analisando os problemas em torno do ensino da Língua Terena, nesse contexto, a partir da descrição e busca de entendimento de quem são os alunos, que conhecimentos trazem na sua bagagem sobre a Língua Terena, identificando e analisando também como é a relação da família com a língua, discutindo sobre o contexto da sociedade indígena urbana a esta escola, e finalmente discutir sobre as perspectivas do futuro dessas crianças com relação a sua língua.

Neste estudo, utilizarei concepções e discussões teóricas da sociolinguística com relação às línguas consideradas de maior e menor prestígio, tendo como autores estudiosos da língua indígena como José Ribamar Bessa Freire (2003) e outros linguístas como Aryon Rodrigues (2002).

Como indígena Terena, estou vivendo este momento em que percebo com tristeza a língua que utilizo não sendo preservada pelos meus patrícios de forma efetiva. Constato que essa língua corre o risco de, aos poucos, enfraquecer e, se continuar assim, pode acabar sendo extinta. Precisamos fazer com que os Terena fortaleçam a própria cultura, não devemos apenas protagonizar a revitalização de nossa língua, mas sinto que precisamos agir o mais rápido possível. Portanto, analisar o processo de como ocorre o ensino de Língua Terena na escola será um meio de possibilitar uma reflexão sobre essa prática que possa resultar em um aprimoramento do ensino da língua para que as crianças aprendam a amá-la e fortalecê-la como principal marca de sua identidade. Como acadêmico de letras e professor de *Emóu Terenoe*, percebo a necessidade desse estudo para promoção desse fortalecimento de nossa cultura.

O CONTEXTO HISTÓRICO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS E A LÍNGUA TERENA

Durante a época denominada de grandes navegações ocorridas na Europa, Portugal obteve um papel importante no cenário de novas conquistas de um novo mundo, expandindo

o seu território através de novas colônias portuguesas, uma dessas conquistas foi o território brasileiro no qual era habitado por uma população numerosa de tribos indígenas, como afirma uma pesquisa realizada pelo laboratório de línguas indígenas da Universidade de Brasília, UNB, contabilizando que durante a época da colonização haviam cerca de 1200 tribos indígenas com o total de 1200 línguas faladas pelos povos que viviam no Brasil (RODRIGUES, 1993b).

Sabemos que desde a chegada dos portugueses ao Brasil, muitas línguas indígenas foram extintas. Segundo dados mais recentes do IBGE (2010) foram registradas 273 línguas indígenas no Brasil. Aryon Rodrigues (2017) registra o número aproximado de 180 línguas faladas pelos povos indígenas brasileiros, na década de 1980. Mas existe certa dificuldade de estabelecer a quantidade exata, pois existem controvérsias e variantes na classificação dessas línguas.

Hoje no Brasil as línguas indígenas que ainda existem correspondem a 15% das línguas que já existiram no passado com um total aproximado e variável, dependendo de cada pesquisador. Estima-se em torno de 180 línguas indígenas divididos em vários povos, mas este número é considerado um total aproximado, pois, nos últimos anos têm se descobertos várias tribos indígenas que vivem isoladas principalmente na região da Amazônia, as quais ainda não possuem o seu registro de reconhecimento. Em outros casos, várias tribos foram extintas ou acabaram perdendo a sua língua por conta da opressão da língua dominante (ARYON RODRIGUES 1993a, 1993b).

Outros pesquisadores (FRANCHETTO, 2000; RODRIGUES, 2005; STENZEL, 2005) afirmam que os indígenas estão divididos em grupos de 220 povos, cada um com sua língua diferente, na qual percebe-se entre elas a existência de línguas indígenas ameaçadas de extinção como é caso da tribo Guató, em Mato Grosso do Sul, que possui cinco falantes da língua nativa. Mas mesmo com tantas línguas ameaçadas de extinção o Brasil ainda possui uma diversidade de riqueza cultural linguística comparada com outros países, atraindo pesquisadores do mundo todo e tem se desenvolvido um crescente número de pesquisadores brasileiros nas últimas décadas, contribuindo para o aumento de conhecimento da riqueza dessas línguas.

Bessa Freire (2003), relata que a língua falada no imenso território brasileiro durante o período colonial era uma língua com aparência de Tupi e Guarani, no qual eram utilizados pelos portugueses durante o período da exploração principalmente na região da Amazônia, ou seja, utilizavam-na como ferramenta de comunicação na qual seguiam a uma

lista de palavras indígenas que com o passar do tempo foi chamada de Língua Geral, que se tornou um uso mais amplo entre os próprios portugueses.

Seus filhos aprendiam a primeira língua, a língua indígena, pois quando nasciam eram amamentados pelas amas indígenas, somente passados vários anos da criança ter nascido, no início da vida escolar é que os portugueses percebiam, com isso tentavam reverter a situação proibindo a todos que criassem seus filhos em terra indígena.

Ainda durante o período colonial os portugueses também perceberam que nem todos os indígenas compreendiam a Língua Geral. Isso fez com que o governador português adotasse medidas visando incentivar o uso da língua portuguesa nos nativos, obrigando aos jesuítas a aumentar as horas dedicadas para o ensino da Língua Portuguesa aos indígenas, mas isto também não foi o suficiente. Para esses ensinamentos os missionários utilizavam castigos, a infame palmatória, a qual os professores do período colonial usavam para bater nas mãos dos indígenas, até chegar a ferir e isso servia para todos aqueles que recusavam a trocar a sua língua materna para aprender o português (BESSA FREIRE, 2003).

Em meados do século XVII, após a morte de Camões, um grupo de missionários, soldados e funcionários se deslocavam para o interior do Pará levando consigo uma língua que em contato com as línguas indígenas tornavam os locais bilíngues, assim ocorreu no Brasil em várias regiões onde a Língua Portuguesa era falada pela minoria. Mas a partir do século XIX a situação começa a mudar, quando um indígena aprendia a falar em Português, isso replicava a vários outros falantes indígenas. Isso fez com que várias línguas indígenas se acabassem. Em outros casos, foi difundida pelos missionários por meio da catequese e o apoio do Estado Monárquico o qual proibiu o uso da língua indígena tornando obrigatório o uso da Língua Portuguesa (BESSA FREIRE, 2003).

Somente no final do século XX, por meio da Constituição Federal promulgada em 1988, reconhece-se os direitos indígenas no Artigo 231, para manter a sua identidade e viver com sua organização social de acordo com seus costumes, cantos, rezas, suas tradições, enfim, suas culturas e identidades. A mesma constituição no artigo 215, determina ao Estado a proteger a cultura indígena assegurando o uso da língua materna para o seu próprio meio de aprendizagem nas escolas.

A importância da preservação das línguas indígenas não visa somente conservar a comunicação entre falantes, contribui muito para o acesso e a preservação do conhecimento milenar acumulado pelos povos indígenas. E se uma língua indígena for extinta ou perdida

por conta de uma imposição de outra língua dominante, perde-se muitos conhecimentos valiosos em várias áreas (RODRIGUES, 2007).

Garcia (2007) afirma que no ano de 1770 houve o projeto elaborado pelo o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, ou Marquês de Pombal, para a criação de instituições de ensino escolar que recolhiam indígenas, com o objetivo de integrá-los à sociedade colonial, em que eram obrigados a falarem na Língua Portuguesa e proibidos de falarem na sua própria língua. Este diretório pombalino, anos mais tarde se tornaria uma lei que tinha como principal objetivo “acabar com a diferença” entre índios e colonizadores, projetando um futuro em que todos seriam iguais e para que isto acontecesse instigava-se a população a uma necessidade de realização de casamentos mistos.

Dentro dessa imposição pombalina, Garcia (2007) explica que percebe-se que, para que a terra conquistada pelos portugueses pudesse progredir futuramente e assegurar o direito dessa exploração contra outros colonizadores de olho nas terras brasileiras, era preciso que os portugueses enfatizassem o seu domínio aos nativos por meio da língua, pois isto garantiria a permanência da dominação aos indígenas transformando os em seus vassalos.

A autora afirma também que as instituições escolares que obrigavam os índios a ter um domínio sobre a Língua Portuguesa, no caso das índias recolhidas nas instituições, estas não aprendiam a ler, escrever, contar e muito menos argumentar em português, pois eram destinadas para o trabalho feminino como donas de casas prontas para casar, de preferência com os europeus, com a intenção de formar o máximo número de casamentos mistos (GARCIA, 2007).

A colônia de exploração pombalina por meio de instituições escolares dentro das aldeias foi assim durante mais de duas décadas, pois a resistência cultural indígena demonstrava desinteresse em aprender o Português, percebia que era importante a conservação da sua própria língua e muitos deles para se livrarem do domínio pombalino acabavam se deslocando do local, esvaziando as escolas pombalinas a procura de um novo espaço para formar novas aldeias (GARCIA, 2007).

Podemos perceber, pelo exposto, que a história da colonização e catequização no Brasil e posteriormente o Projeto pombalino contribuíram fortemente para o apagamento ou enfraquecimento das línguas indígenas.

Segundo a estudiosa da Língua Terena, Denise Silva (2013), na região do Centro-Oeste brasileiro, no estado de MS, existem várias etnias indígenas e uma delas é a etnia

Terena, que tem a sua língua pertencente a família linguística Aruak, com um total estimado de cerca de 20.000 mil falantes no ano de 2013 O que se observa hoje nas comunidades indígenas de MS é que os falantes da própria língua variam de uma comunidade para outra, pois existem locais em que a língua é falado por poucas pessoas e em outras comunidades é falada por todos ou quase todos (SILVA, 2013).

Atualmente, em Mato Grosso do Sul, estamos vivendo um processo no qual o Povo Terena, um dos povos indígenas do estado, tem intensificado o contato com os *purutúye* (não-indígena), contato que sempre existiu desde a chegada destes aos territórios indígenas (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000). Isso tem influência de maneira muito forte na língua materna falada em nossas aldeias. A maioria das famílias indígenas que vive em Campo Grande acaba sendo fragilizada pela opressão da cultura predominante do *purutuye*, absorvendo muito mais da cultura do outro ao invés de valorizar seus aspectos históricos e preservar sua língua (URQUIZA & VIEIRA, 2012). É dentro desse contexto histórico que o ensino da Língua Terena se dá na escola de nosso estudo.

A LÍNGUA TERENA NO CONTEXTO DA “ESCOLA INDÍGENA”.

A seguir relato a pesquisa de campo realizada na escola deste estudo, começo a explicar o porquê o termo “Escola Indígena” está entre aspas, pois há uma contestação com este termo da Rede Municipal de Ensino, com a comunidade indígena urbana do local. Dizendo que não é uma escola indígena, mas sim, uma escola que atende alunos indígenas em suas necessidades específicas, oferecendo-lhes o ensino da língua, cultura e arte indígena Terena. Mas para a comunidade local deveria ser uma escola indígena, que lutaram para a construção desta escola, pois acreditam que assim haveriam mais indígenas atuando para trabalhar como docentes desta escola.

Para entender sobre a história do surgimento desta escola, entrevistamos o professor Itamar Jorge Pereira, que trabalhou por vários anos nessa escola, lecionando aula em Língua Terena, desde os primeiros anos da inauguração, até o ano de 2015, e com a entrevista da professora Maria Auxiliadora, filha da Enir, Terena a 1ª cacique mulher de MS, que ministrava aula de arte e cultura indígena, também reafirmadas pela pesquisa de campo, feita pelo professor, Antônio Hilário e Carlos Magno (UNICAMP, 2012). A ocupação do espaço territorial em que se encontra a escola de hoje, começou por meio de uma luta dos índios

Terena, cansados de esperar por uma resposta do governo, sobre a construção de moradias mais dignas.

Em junho de 1995 mais de 100 famílias indígenas ocuparam o local pertencente a Fundação Nacional do Índio, FUNAI, para construírem as suas casas de madeira como pequenos barracos, reorganizando-se em líderes da comunidade, representada por Enir, Bezerra da Silva, uma cacique do sexo feminino.

Durante este período de ocupação liderada por Enir, juntamente com seus líderes, conscientes da extrema situação da realidade em que as crianças se encontravam, como por exemplo o difícil acesso às escolas, pois a escola mais próxima era Escola Municipal Professora Oliva Enciso, no bairro Tiradentes. Devido a distância e o trajeto perigoso da travessia da avenida Marquês de Pombal, muitos pais preferiam ver seus filhos ficarem em suas casas. Com isso, as crianças ficavam sem estudar. Os líderes da comunidade fizeram várias reivindicações a rede de ensino do Município, para que fosse atendida a necessidade do povo. Eram mais de 200 crianças fora da escola. Conseguiram então uma extensão escolar da escola Oliva Enciso, em uma casa simples. Começou a partir daí a funcionar a alfabetização das crianças indígenas.

Posteriormente, com a Rede Globo, através da TV Morena e do “Projeto - Brasil 500 anos”, a comunidade ganhou recursos para a construção de uma escola. Porém para que a escola fosse construída, o espaço ocupado pela comunidade precisava ser transferido como área pertencente à prefeitura.

Assim com o reconhecimento dos representantes das lideranças indígenas da região e da FUNAI, o local foi doado à prefeitura, que ajudou somente com a mão de obra, construiu-se então a escola, sendo esta inaugurada em 1999. O nome “Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira *Tumune Kalivono* “Criança do Futuro” foi dado pelo povo em homenagem ao presidente da FUNAI que a administrava naquela época e faleceu em um acidente aéreo, um mês antes da inauguração da escola. Ele havia convivido e acompanhado a luta desse povo Terena urbano, por melhores condições de vida. Nessa escola, atendendo o pedido dos Terena, foi inserida a grade curricular do ensino da Língua e cultura Terena (PEREIRA & SILVA, 2018).

Nessa pesquisa, buscando conhecer quem são os alunos que frequentam esta escola, pude constatar que a maioria deles alunos é moradora da aldeia urbana Marçal de Souza, do bairro Tiradentes, do bairro Noroeste, da comunidade Indígena Darcy Ribeiro e da comunidade Estrela da Manhã. São de famílias, que apesar da distância, querem que seus

filhos sejam matriculadas nesta escola para o conhecimento da sua própria língua. Outras vêm da comunidade Água Funda, aldeia recém formada no ano de 2017, localizada em meio a zona rural entre o bairro Noroeste e bairro Leon do Conte. Outros alunos vêm de bairros distantes, atravessam a capital, matriculados pelos pais que preferem que seus filhos estudem nas escolas próximas ao seu setor de trabalho. Existe até alunos recém chegados a Campo Grande, que vieram de Alagoas do Nordeste brasileiro, pois suas famílias migraram para Campo Grande em busca de novas melhores condições de vida e oportunidades de emprego.

A escola Sullivan é a única escola do estado, e a única em nível nacional localizada em área urbana e que possui uma disciplina inserida para o ensino de língua indígena que. Por isso ela é vista como uma referência de escola intercultural ou bilíngue, com ensino de Língua Indígena. Além dos alunos indígenas, que perfazem cerca de 30 por cento, estudam ali também os alunos *purutuye*, sendo estes a maioria.

Esta escola é alvo de vários pesquisadores, acadêmicos, estudiosos de Línguas Indígenas, professores, doutores de universidades que colaboram por meio de sua pesquisa para retratar o aspecto histórico cultural Terena dos indígenas que vivem fora da área rural, afim de conhecer e retratar as dificuldades enfrentadas por este povo na cidade.

Existe aproximadamente trinta professores desta escola, sendo noventa por cento efetivos ou concursados. Eles trabalham a questão cultural indígena não somente na semana do índio mas em um ensino contínuo que colabora para o fortalecimento da identidade dos alunos indígenas, reforçam suas turmas para que cada criança desenvolva respeito para com o próximo, afim de evitar e combater o preconceito tão presente em nossa sociedade.

O período em que realizei minha observação participante, a escola era administrada pela diretora Onilda Camargo Dichoff, com sua equipe de coordenadores, funcionários como: merendeiras, bibliotecários, professores da sala de recursos, faxineiras, apoios pedagógicos na sala de informática, recreadoras e guarda municipal.

A aula de Língua Terena inserida na grade curricular desta escola, substitui a carga horária da aula de ciências. A aula da Língua Terena compreende uma hora semanal para cada série, excluindo a turma do quarto ano que tem duas horas de aula durante a semana preenchendo o tempo de duas horas de aula de Ciência.

O planejamento dos conteúdos aplicados para o ensino desta disciplina é feito de acordo com o regimento do Projeto Político Pedagógico da escola, sendo adequados com a ajuda da DED - Divisão de Educação e Diversidade, com a participação da coordenação da escola, juntamente com professor da disciplina e pelo professor indígena Terena Itamar Jorge,

técnico da SEMED. Estes em conjunto formularam os conteúdos a serem aplicados durante as aulas de Língua Terena, sem ignorar o contexto cultural do meio em que os alunos vivem. Os planejamentos eram supervisionados quinzenalmente pela coordenação.

As aulas podem ser ministradas com apoio dos recursos didáticos como: data show, caixa de som com microfone, laboratório de informática, jogos de memórias, alfabetos, alfabetos silábicos, numerais, todas voltadas para facilitar e tornar a aula mais atraente para o ensino aprendizagem da Língua Terena.

Na observação participante realizada ao longo de 2016 e 2017, os alunos relataram sobre o ensino da língua Terena dentro da sala de aula, comentam, que, os pais e famílias dos alunos indígenas e os não indígenas, reagem ao saberem que seus filhos estão estudando uma Língua Indígena, das seguintes situações: muitos falam que seus pais apoiam bastante, que são incentivados, não somente na aprendizagem da Língua Materna, mas a reconhecem a importância da convivência entre diversidades culturais, para formar um mundo em que todos merecem respeito e devem ter igualdade de condições e oportunidades, sendo respeitados em suas diferenças, pois o Brasil é um país de diversidade étnica e cultural. Às vezes, um pai não indígena, durante uma reunião da entrega de notas, reforça para que eu continue ensinando seu filho a aprender a falar na Língua Terena.

Apesar de existirem famílias com esta visão da sociedade de entender a cultura do outro, tenho percebido também que existem famílias, mesmo sabendo da disciplina específica, ao matricularem os seus filhos nesta escola, não colaboram para a valorização da cultura e a Língua Terena, de acordo com o relato dos próprios alunos, muitos pais questionam pra que aprender a Língua Terena, outros proíbem os filhos de participar de atividades indígenas de apresentações culturais, como: Dança, hinos e jogos indígenas. Isso prejudica muito não somente o rendimento das aulas, pois além de possuir apenas uma hora de aula por semana, o aluno acaba sendo desmotivado e com isso não participa das atividades elaboradas e o pior, estes alunos são influenciados pela sociedade preconceituosa.

Neste contexto é importante destacar que essa atitude não são praticadas somente pelas famílias não indígenas, mas que geralmente são praticadas pelos próprios descendentes desta etnia. Estas são algumas das dificuldades enfrentadas por mim como professor de uma Língua Indígena Terena.

Quanto aos avanços conseguidos lecionando esta disciplina, posso dizer que, com poucas horas de ensino, percebe-se que vários alunos demonstram apreciar muito aprender outra língua, fazem perguntas, pedem para contar histórias de como é viver numa aldeia longe

da área urbana, outros aprendem facilmente algumas palavras em Língua Terena, muitos deles compreendem que vivem numa sociedade que abriga várias etnias.

Percebo também que vários *purutuye* ficam felizes, quando ficam sabendo que são descendentes de indígenas, se orgulham de estudarem numa escola diferenciada pelo aspecto cultural, existem alunos indígenas que relataram que argumentam com seus pais para que estes lhes ensinem a Língua Terena. Outros entendiam a Língua, mas tinha vergonha de falar e hoje se orgulham de conversar com o professor e poder dialogar em Terena e até ensinam os demais alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professor falante da Língua Terena, incentivo os alunos a falar e se comunicar na língua materna, sem medo e nem vergonha de falar. Devemos nos orgulhar de sermos índios da etnia Terena, pois nossa Língua tem muita história para contar, não devemos deixar a língua morrer aos poucos, não importa se a escola ofereça poucas horas de ensino da língua. Obviamente, se a carga horária aumentasse, acredito que as possibilidades aumentariam, mas só isso não iria resolver o problema para que mais Terenas falem sua Língua. Penso que além da responsabilidade do ensino do professor, a família tem um papel importantíssimo de compreender que em casa é que se começa a aprender a Língua, no convívio do dia-dia praticando nas falas cotidianas, sem deixar compreender que é de extrema importância, aprender, concomitantemente a Língua Portuguesa, como uma ferramenta de luta pela sobrevivência em uma sociedade plural.

REFERÊNCIAS

BESSA FREIRE. José de Ribamar. **Da Língua Geral ao Português: Para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia.** Tese de Doutorado em Literatura Comparada apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria, LADEIRA Maria Elisa. **A história do povo Terena.** Brasília : MEC, 2000.

GARCIA, Elisa Frühauf , O projeto pombalino de imposição da língua portuguesa aos índios e a sua aplicação na América meridional, 2007.

FRANCHETTO, Bruna. O conhecimento científico das línguas indígenas da Amazônia no Brasil. Em: Queixalós, F. & Renault-Lescure, O. (orgs): *As línguas amazônicas hoje.* São Paulo, ISA, 2000 (166-182).

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, Dec. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de agosto, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006>.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: edições Loyola, 2002

RODRIGUES, Aryon D. e Ana S. A. C. CABRAL (Orgs.). 2005. *Novos Estudos Sobre Línguas Indígenas*. Editora UnB, Brasília.

Rodrigues, A. D. "Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas". *D.E.L.T.A.* 9.1:83-103. São Paulo. 1993a.

Rodrigues, A. D. "Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas". *Ciência e Cultura* 95:20-26. 1993b

_____. 2005. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, 57. 35-38.

_____. **Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção**. (Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília). Disponível em http://projetos.unioeste.br/projetos/cidadania/images/stories/Fevereiro/Linguas_indigenas_brasileiras_ameaadas_de_extino.pdf. Acessado em 13/04/2017.

SILVA, Denise. *Estudo Lexicográfico da Língua Terena: proposta de um dicionário bilíngue terenaportuguês*, 2013.

STENZEL, Kristine. 2005. *Study on Endangered Languages and Their Oral Tradition in Amazonia*. Report for UNESCO. Ms.

URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera e VIEIRA, Carlos Magno Naglis. Educação Escolar e os Índios Urbanos de Campo Grande/MS: considerações preliminares sobre as práticas de ensino nas escolas. **XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012**.